

2017/07/09

Lições de Mosul para as guerras do futuro¹

Alexandre Reis Rodrigues

A operação para retirar Mosul do controlo do ISIS vai, nesta data, com quase nove meses de duração. Com os combates limitados a alguns bairros no lado ocidental do setor velho da cidade, desde há três semanas, estará agora em fase de conclusão. Mas, não obstante a divulgação das primeiras manifestações de vitória, ainda não foi formalmente declarada a libertação da cidade.



Foi prematuro o anúncio feito pelo Governo iraquiano de que a destruição pela mão do ISIS da Grande Mesquita de al-Nuri, a 19 de junho passado, tinha sido como que o estertor final da presença do ISIS no Iraque e o fim das aspirações a um Califado, cuja sede religiosa seria precisamente a Grande Mesquita.

A operação tinha começado a 17 de outubro de 2016 com cerca de 100.000 efetivos de uma coligação alargada, na qual os países ocidentais (sobretudo os EUA) se integraram principalmente com forças especiais e apoio aéreo tático. Nunca se soube quantos combatentes *jihadistas* estariam na cidade prontos para resistir ao avanço da coligação. Há círculos que referem cerca de 10.000. Talvez fossem menos, dizem outras fontes. À volta de seis mil. São estimativas apenas. Os números certos ninguém conhece, fora da estrutura orgânica do ISIS. O mesmo quanto ao número de baixas e feridos que terão sofrido.

Sempre se soube que a operação seria demorada. É o que é de esperar de operações em ambiente urbano, com o inimigo a viver, quase indiferenciadamente, no meio da população. Só a aproximação à cidade, feita de três direções (sul, leste e norte), demorou 14 dias. O setor oriental ficou liberto apenas a 24 de janeiro (três meses depois do início do avanço). O ataque à parte velha da cidade, um labirinto muito compacto onde não entram veículos, só pôde começar no final de março. A partir de então as forças da coligação passaram a uma guerra apeada com apoio aéreo. Muitos civis foram sendo apanhados no meio. No momento em que a Grande Mesquita foi destruída, as forças da coligação aguardavam há 40 dias condições para progredir, estando a cerca de 900 metros.

A forma como tudo foi conduzido será seguramente escalpelizada porque muito do sucedido poderá constituir o padrão mais provável de futuros conflitos e haverá lições importantes a tirar. Do que começou a ser conhecido, há já alguns aspetos a destacar.

¹ Os dados citados neste artigo (nº de ataques aéreos, baixas, etc.) foram retirados da Revista *Defense One*, num trabalho de Ben Watson com o título "What the longer battle of the decade says about the future of war".

O ISIS surpreendeu ao prolongar até ao extremo a sua resistência, mas não surpreendeu na forma como resistiu. Como esperado, usou uma combinação de táticas assimétricas, para tentar torner a inferioridade do seu poder de fogo, de efetivos e falta de apoio aéreo, com o uso clássico de artilharia, morteiros e *rockets*, embora alguns de fabrico artesanal e sem precisão. Recorreu ao uso intensivo de engenhos explosivos improvisados (*vehicule-borne improvised explosive devices*) e bombistas suicidas, especialmente na parte urbana da cidade, entre novembro e dezembro. Usando uma extensa rede de túneis e outras táticas, investiu muito na ocultação dos seus movimentos para fugir à deteção da aviação da coligação e estreou-se no uso de drones comerciais para lançar granadas sobre as posições da coligação (o primeiro ator não estatal a fazê-lo).

A coligação progrediu principalmente à custa do apoio aéreo e das forças de operações especiais que desempenharam um papel central. O apoio aéreo concretizou-se através de quase 1200 ataques de precisão assim distribuídos: 214 em túneis; 213 nas embarcações armadas que atuavam na rede fluvial, 30 sobre drones e respetivas fábricas, 69 sobre *snipers*, 407 sobre carros-bomba e respetivas fábricas, etc.

Não obstante a elevada precisão que hoje se consegue neste campo, há referências a danos colaterais importantes. Um dos mais citados terá ocorrido a 17 de março num ataque contra *snipers* que deu origem a uma enorme explosão em que terão morrido mais de 100 civis. O total de baixas entre civis, em março, apontava para mais de 7.000 mortos e à volta 23.000 feridos.

Confirmou-se, mais uma vez, o que se sabia há muito tempo, mas que tem demorado a interiorizar e encarar com medidas concretas. Que o combate urbano é o grande desafio das guerras futuras para as forças terrestres. Implica maior recurso a forças de operações especiais (de difícil e dispendiosa formação) e que as forças regulares tenham qualificações bem mais próximas das exigidas a essas, mesmo apenas para as chamadas operações de "limpeza".

No caso de Mosul, tem sido apontado como erro um excesso de recurso às forças de operações especiais a quem foi entregue, para além da missão inicial de ganhar acesso, a tarefa subsequente de "limpeza", o que configura um mau emprego dos meios. Falta esclarecer se o erro se ficou a dever ao reconhecimento de impreparação das forças regulares para substituir as forças de operações especiais depois do primeiro embate, ou a simples decisão incorreta do comando.

Mas esse passo não impede uma chamada de atenção para a exigência corrente de mais formação e treino para as forças terrestres em geral. Já não são apenas os desafios tecnológicos que o soldado do futuro tem que enfrentar. São também os de um teatro de operações extremamente traiçoeiro, muito compacto e onde os meios de apoio de combate têm pouca utilidade. Um ponto a ter presente pelos que advogam o regresso ao serviço militar obrigatório.